

NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO SOCIAL E RESULTADOS EXPERIMENTAIS EM PSICOLINGUÍSTICA

Terezinha Nunes Carraher
Alina Galvão Spinillo
*Universidade Federal de Pernambuco**

RESUMO - Experimentação com crianças geralmente envolve diferentes níveis de significado. A um nível superficial, um adulto fala com a criança. Em um outro nível, o experimentador é alguém que se deve obedecer e não alguém com quem conversar. Na psicolinguística estes dois níveis de significado podem ser uma fonte de confusão de resultados experimentais. Esta ambiguidade é vista como uma fonte de dificuldade na interpretação do estudo de Chomsky sobre *perguntar e dizer*. Em uma conversação comum, se A pede a B que pergunte algo a C, B fará a pergunta apenas se não souber a resposta; se sabe a resposta, B simplesmente a diz. Na situação experimental, B tem que formular a pergunta, independentemente do que sabe.

Este experimento comparou a habilidade de crianças de responder apropriadamente a comandos para fazer perguntas sob duas condições. A Condição I foi uma replicação do experimento de Chomsky; na Condição II as crianças recebiam instruções para obedecer literalmente aos comandos do experimentador, por meio da inserção do experimento em um jogo conhecido, no qual o experimentador é a *Rainha*.

Os sujeitos foram 30 crianças igualmente distribuídas em três níveis de idade (4, 5 e 6 anos) selecionadas aleatoriamente em uma escola em Recife. Tal como no experimento de Chomsky, as crianças foram testadas na presença de um amigo e três níveis de complexidade sintética foram explorados. Uma ANOVA 3 (nível de idade) por 2 (condição), com o número de respostas corretas aos comandos de "perguntar" como variável dependente, mostrou efeitos significativos da idade e da condição. As crianças de 6 anos mostraram sistematicamente respostas corretas em todos os três níveis de complexidade sintática na Condição II.

A dificuldade de crianças novas em distinguir entre "perguntar" e "dizer", observada anteriormente, e o efeito relacionado da complexidade sintática, podem ter sido uma consequência da ambiguidade da situação experimental usada. Este estudo reforça a necessidade (já enfatizada por

* Endereço: Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 8º andar, Cidade Universitária, 50739, Recife, PE.

psicólogos sociais, sociolinguistas e etnometodologistas) de uma maior atenção aos significados sociais em situação de experimentação.

SOCIAL MEANINGS AND EXPERIMENTAL RESULTS IN PSYCHOLINGUISTICS

ABSTRACT - Experiments with children often involve different levels of meaning. At a surface level, an adult talks with the child. At another level, the experimenter is someone to be obeyed, not talked with. In psycholinguistics, these two levels of meaning can be a source of confounding of experimental results. This ambiguity is seen as a source of difficulty in the interpretation of C. Chomsky's study on "ask" and "tell". In a regular conversation, if A asks B to ask C something, B will only ask the question if he does not know the answer; if he knows the answer, he will simply say it. In the experimental situation, B is to ask a question regardless of his knowledge.

This experiment compared children's ability to respond appropriately to the "ask" commands under two conditions. Condition I was a replication of Chomsky's experiment; in Condition II, children were instructed to take the experimenter's commands literally by inserting the experiment into a well-known game in which the experimenter played "The Queen".

Subjects were 30 children equally distributed in three age levels (4, 5, and 6 years) randomly selected in one school in Recife, Brazil. As in Chomsky's experiment, children were tested in the presence of a friend and three levels of syntactic complexity were explored.

A 3 (age-level) by 2 (condition) ANOVA with number of correct responses to "ask" commands as the dependent variable showed significant main effects of age and condition. At age 6 children showed systematic correct responses to all three levels of syntactic complexity in Condition II.

The previously observed difficulty of young children to distinguish between "ask" and "tell" and the related effect of syntactic complexity may have been a consequence of the ambiguity of the experimental situation used. This experiment reinforces the need (already emphasized by social psychologists, sociolinguists, and ethnomethodologists) for greater attention to the social meanings in experiments.

No laboratório:

I. A: Pergunte a X quem é esse.

B: Mickey Mouse.

No escritório:

II. A: Pergunte à secretária se o Sr. Carlos já chegou.

B: Ele está no escritório. Nós viemos juntos no elevador.

Sociolinguistas, psicólogos sociais e etnometodologistas têm insistido por mais de duas décadas que o comportamento, em geral, e a linguagem, em particular, são

compreendidos dentro de um contexto. O estudo do desenvolvimento da linguagem requer uma análise especial das pistas situacionais implícitas na situação experimental para a interpretação das expectativas do experimentador. Como foi demonstrado por Milgram (1974), a situação experimental é um contexto social onde o experimentador emite um comando e o sujeito obedece. Deste modo, a linguagem numa situação experimental não apresenta as características de sua função comunicativa usual, devendo ser interpretada como um comando. O comando emitido pelo experimentador pode ser interpretado diferentemente por adultos e crianças. O sujeito adulto provavelmente atribui ao experimentador o *status* de um cientista, alguém que sabe mais do que ele próprio e que não faria nada de inapropriado. Por isso, o adulto, colocado numa situação experimental, obedece fielmente aos comandos que lhe são dados por mais absurdos que lhe pareçam, como por exemplo, fazer páginas e páginas de contas e depois rasgá-las (Orne, 1962; 1969). A criança pode, no entanto, não ter essa visão do experimentador e talvez lhe atribua um papel semelhante ao do professor, alguém que procura testar seus conhecimentos fazendo perguntas cuja resposta ele próprio já conhece, como ocorre na sala de aula (ver Heath, 1978 e Spinillo, 1984), apenas com o objetivo de certificar-se que o aluno sabe a resposta correta. Nas sociedades ocidentais as crianças sentem necessidade de responder na aula para demonstrar seus conhecimentos (em contraste com outras culturas, ver Scollon e Scollon, 1981) e aceitam as perguntas do professor, mesmo sabendo que estas não têm a finalidade de obter informação (para uma análise mais completa sobre as funções das perguntas na conversação, ver Goody, 1978).

Quando, numa situação experimental, o experimentador faz perguntas a uma criança, estas perguntas não podem ser interpretadas simplesmente como perguntas que visam a obtenção de informações (como pode ocorrer em situações naturais). Entretanto, não se pode saber, sem novas investigações, como a criança interpreta essas perguntas, mesmo em sala de aula, pois a criança pode ter dificuldades em distinguir os comandos do professor de perguntas com função informacional (Boggs, 1972). A partir de observações naturais em sala de aula, Spinillo (1984) observou a seguinte passagem:

Professor: Quais as cores que você tem aí, João?
Luís: É verde e azul.
Professor: Seu nome é João? Qual é o seu nome?
Luís: É que ele não sabe; eu sei.

Esta passagem revela uma possível falta de compreensão por parte de Luís quanto ao que o professor pretendia com sua primeira pergunta, dirigida a João. Os professores frequentemente aceitam as respostas de uma segunda criança, mesmo quando a pergunta foi dirigida a outra, quando estão introduzindo um novo tópico na conversação ou quando iniciam uma nova lição. Entretanto, quando o professor está apenas interessado em testar uma criança em particular ou quando deseja uma participação mais direta desta criança na conversação, o professor frequentemente rejeita as respostas vindas de outras crianças, mesmo que estas sejam corretas, como no caso do exemplo acima.

No estudo clássico de Carol Chomsky (1969) sobre a compreensão dos verbos PERGUNTAR e DIZER (ASK e TELL), o experimentador solicitava que a criança perguntasse a um parceiro quem era Mickey Mouse. Nesta situação experimental, a instrução "PERGUNTE a X quem é este" poderia ser interpretada como "Eu quero que você PERGUNTE a X quem é este". Uma resposta apropriada para este comando seria uma pergunta feita diretamente ao parceiro, um terceiro participante na interação, mesmo que o sujeito soubesse a resposta ou mesmo que acreditasse que o experimentador realmente desejava obter aquela informação. Neste estudo, Chomsky explorou três níveis de complexidade gramatical que podem ser exemplificados pelos seguintes casos:

1. PERGUNTE a X que cor é esta.
2. PERGUNTE a X a cor deste livro.
3. PERGUNTE a X o que é que é pra dar para a boneca comer.

A complexidade sintática aumenta da primeira para a terceira estrutura. Na primeira sentença, a criança precisa apenas repetir o final da instrução (Que cor é essa?), não havendo necessidade de transformações. Na segunda sentença, há necessidade de se acrescentar palavras interrogativas (*Qual a cor desse livro?*) para formular a pergunta. Na terceira, são necessárias uma mudança no tempo e pessoa do verbo e a explicitação do sujeito do verbo "dar" (O que é que *eu* dou para a boneca comer?). Os resultados de Chomsky (1969) permitiram detectar a existência de cinco estágios de desenvolvimento quanto à aquisição da diferenciação entre ASK e TELL (PERGUNTAR e DIZER). Esta sequência evolutiva seria seguida sempre na mesma ordem, não existindo, porém, *uma progressão regular por idade* e não sendo possível agrupar as crianças *cuidadosamente em um estágio ou outro* (Chomsky, 1969, p. 60). Considerando a complexidade gramatical das estruturas como fator determinante na compreensão da criança quanto aos verbos em estudo, Chomsky concluiu que as crianças compreendem o verbo DIZER mais facilmente que o verbo PERGUNTAR, visto que elas DIZIAM quando solicitadas a DIZER e interpretavam o verbo PERGUNTAR como DIZER. Entretanto, é importante saber que tipo de interpretação a criança dava a esta situação se quisermos realmente compreender esse desempenho. Ao analisar o estudo de Chomsky, é necessário considerar outros aspectos além da complexidade gramatical.

Primeiro, é possível que a criança acreditasse que o experimentador já sabia a resposta à sua própria pergunta, por exemplo, quando o E perguntava sobre a identidade de Mickey Mouse ("Pergunte a X o nome desse boneco") ou sobre o sobrenome de Chomsky ("Pergunte a X o meu sobrenome"). Estas perguntas provavelmente levaram a criança a acreditar que estava sendo testada, pois o experimentador solicitava informações que ele mesmo já possuía, como ocorreria na aula, onde o professor pergunta coisas que já sabe a fim de testar o conhecimento do aluno.

Segundo, na situação experimental estava presente um parceiro, cuja performance não estava sendo investigada, utilizado por Chomsky para reduzir a artificialidade da situação, aproximando-a do estilo conversacional (Chomsky, 1969, p. 48). Assim, enquanto para o experimentador o objetivo era que a criança obedecesse ao comando contido na instrução ("Pergunte a X..."), esse objetivo poderia não estar cla-

ro para a criança. Ao mesmo tempo em que o experimentador desejava testar o conhecimento linguístico da criança, desejava também que a situação parecesse natural a seus olhos. Numa interpretação conversacional natural das instruções, a criança deveria interpretar suas ordens com o verbo PERGUNTAR como expressando um desejo real de obter informação uma vez que, em uma situação natural, ninguém pergunta a alguém algo que já sabe. Vê-se, pois, que a situação experimental era ambígua e que a criança só poderia ter certeza do que o experimentador esperava dela se tratasse sua intenção comunicativa como uma ordem e não como uma conversação.

Tanz (1983), discutindo o estudo de Chomsky, apontou um terceiro aspecto da situação a ser considerado: em condições normais, uma pessoa somente pede a seu interlocutor que pergunte algo a uma terceira pessoa se ela acha que o interlocutor não sabe a resposta. Se este souber, a única coisa razoável a fazer é responder e não perguntar ao outro (1983, p. 190). Baseada nesta análise, Tanz planejou uma situação experimental em que a criança não dispunha da informação, a fim de criar em seu experimento uma situação conversacional *normal*. No entanto, ela ainda solicitava da criança informações sobre uma terceira pessoa que estava *presente* na situação de teste, quando na realidade este tipo de pergunta indireta só é apropriado quando a terceira pessoa está *ausente*. Por que a experimentadora não se dirigia diretamente a esta pessoa, ou seja, ao parceiro, no experimento? Que significado poderia ter esta situação para a criança que estava sendo testada? Esta análise sugere que o significado da situação experimental ainda era ambíguo para a criança no estudo de Tanz.

Shegloff e Sacks (1973), analisando as perguntas que solicitam informações em aberto - isto é, proposições incompletas onde a resposta complementa a proposição -, enfatizam que perguntas e respostas formam um par complementar (adjacent pair) durante uma conversação corriqueira. Quando uma pergunta surge, o ouvinte deve produzir o segundo membro do par, completando-o. Assim, espera-se que quando uma pergunta é feita, o passo seguinte na conversa seja a resposta adequada. Neste sentido, *perguntas para obter informações* e *perguntas para testar* são atos verbais semelhantes, visto que ambos requerem uma informação relevante por parte do ouvinte. Essas análises da situação conversacional sugerem que no estudo de Chomsky o experimentador violava diversas regras da interação conversacional, o que gerava ambiguidades quanto ao significado da situação experimental para os sujeitos.

As observações precedentes indicam a possibilidade de que a situação experimental criada por Chomsky resultasse em duas interpretações. Uma primeira interpretação, pretendida pelo experimentador, era uma interpretação literal, ou seja, suas palavras "Pergunte a X como é o nome desse boneco" deveriam ser tomadas ao pé da letra. Na terminologia de Olson (1977), as palavras do experimentador deveriam ser tomadas como "text". Uma segunda interpretação seria voltada para o sentido de uma pergunta indireta em uma conversa, visando a busca de informações e não obediência literal. Essa segunda interpretação corresponde ao tratamento da linguagem como "utterance", na terminologia de Olson (1977). Olson, ao propor essa terminologia, sugere que a interpretação da linguagem oral é preferencialmente como "utterance" enquanto que a interpretação como "text" (ao pé da *letra, literal*) é mais exequível

quando a linguagem é escrita, uma vez que um leitor pode fixar a forma de uma comunicação mais facilmente que um ouvinte, para quem a forma se perde ao terminar a fala do interlocutor. A distinção entre interpretação literal e conversacional proposta por Olson e sua associação, respectivamente, com a linguagem oral e a escrita, levam-nos a hipotetizar, mais uma vez, que o baixo nível de desempenho das crianças no experimento de Chomsky em relação às instruções "Pergunte a X..." resultou de uma interpretação conversacional da situação experimental e não de uma incapacidade de compreender o verbo "perguntar".

METODOLOGIA

Duas situações diferentes foram criadas através da manipulação das instruções que precediam a tarefa experimental neste estudo, constituindo duas condições experimentais:

CONDIÇÃO I - replicação do experimento de Chomsky (1969), em que a instrução do experimentador era um comando *implícito*, permitindo uma interpretação inapropriada por parte da criança;

CONDIÇÃO II - as crianças eram convidadas a brincar de "A Rainha mandou você DIZER/PERGUNTAR a X...", onde o experimentador era a Rainha e tudo que ordenasse deveria ser fielmente obedecido. Nesta condição, a fala do experimentador tornava-se um comando *explícito*.

Se as crianças pudessem realmente compreender a instrução "PERGUNTE a X...", seu desempenho deveria ser significativamente superior na Condição II em relação à Condição I.

Sujeitos

Participaram do estudo 30 crianças de classe média em três níveis de idade (4, 5 e 6 anos), alunas do pré-escolar de uma escola particular da cidade de Recife, escolhidas aleatoriamente em cada faixa etária, formando três grupos com dez sujeitos por nível de idade.

Procedimento

As crianças foram testadas individualmente na presença de um parceiro, como no estudo original de Chomsky. Todas as crianças realizaram a tarefa nas duas condições, sendo as condições apresentadas na ordem AB para metade das crianças e na ordem BA para a outra metade.

Foram selecionadas sentenças com os mesmos graus de complexidade gramatical explorados por Chomsky de acordo com os modelos abaixo:

1. Pergunte a X que cor é essa (menos complexa);
2. Pergunte a X a cor desse livro (complexidade intermediária);
3. Pergunte a X o que é que é pra dar para a boneca comer (mais complexa).

RESULTADOS

O número de respostas corretas à instrução "PERGUNTE a X..." variou significativamente em função da idade e das condições (I e II), de acordo com a Análise de Variância (ANOVA) 3 x 2 (Efeito da Idade: $F = 4,32$, $p < 0,05$; Efeito da Condição: $F = 5,98$, $p < 0,05$); nenhuma interação significativa foi observada entre idade e condição. Observou-se uma variação entre 7,9 e 8,2 quanto aos três níveis de complexidade na Condição II e entre 5,4 e 5,8 na Condição I. Foi possível detectar ainda um desempenho significativamente superior das crianças em todas as idades submetidas à Condição II em relação à Condição I. Aos 6 anos, verificou-se um acerto sistemático em todos os itens na Condição II e nenhum efeito significativo quanto à complexidade sintática das estruturas das sentenças, que se aproximavam o mais possível dos níveis de complexidade gramatical usados por Chomsky.

A Figura 1 apresenta os gráficos das médias de respostas corretas por idade e por condição. Em todas as idades, as crianças apresentaram um melhor desempenho na Condição II.

DISCUSSÃO

Os resultados indicam que, quando as informações contextuais não são ambíguas, as crianças compreendem as instruções "PERGUNTE a X..." com maior facilidade do que sugeriu Chomsky. Esta interpretação referente à ambiguidade contextual explica porque Warden (1981), ao replicar o estudo de Chomsky, observou uma frequência significativamente maior de respostas corretas para o verbo PERGUNTAR do que para o verbo DIZER. No estudo de Warden, a ambiguidade continuou existindo na situação experimental, porém as crianças não conheciam os objetos cujos nomes deviam dizer/perguntar. Não conhecendo os objetos, as crianças simplesmente perguntavam seus nomes ao parceiro, independentemente do comando.

Vários autores, como Cole, Gay, Glick e Sharp (1971) e Donaldson (1978), têm enfatizado que o experimentador deve certificar-se de que os sujeitos compartilham de seu ponto de vista quanto ao que devem fazer na situação experimental. Tanz (1983) sugeriu que em experimentos sobre linguagem pode existir uma disparidade entre a interpretação infantil e a interpretação adulta quanto à situação experimental: enquanto que para o adulto um experimento é uma situação de teste em que ele deve mostrar seu conhecimento, para a criança o experimento pode ser percebido como uma interação conversacional entre falante e ouvinte. As implicações deste estudo vão além dos resultados específicos quanto à competência de crianças de idade pré-escolar em compreender os verbos PERGUNTAR e DIZER. Os resultados indicam ser indispensável uma análise muito mais profunda dos fatores sociais presentes na situação experimental no planejamento de estudos sobre a aquisição de linguagem. O próprio significado da fala do experimentador do ponto de vista da criança precisa ser analisado. Esse experimento reforça a necessidade de uma avaliação crítica dos possíveis efeitos da situação experimental sobre o desempenho linguístico da criança, antes que se possa chegar a conclusões sobre sua competência em situações extra-laboratório.

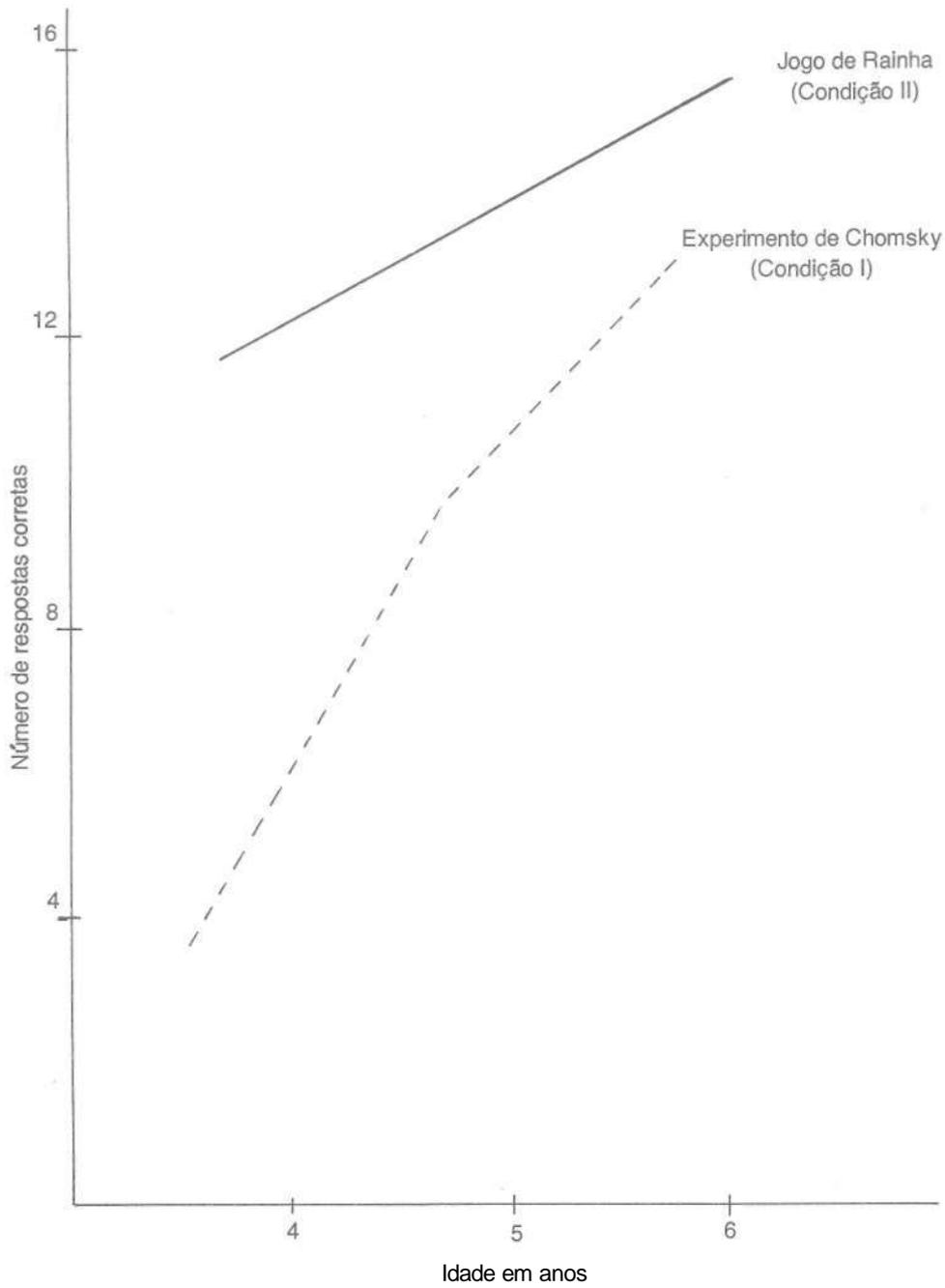


Figura 1 - Média de respostas corretas por idade e por condição
Número máximo de respostas corretas = 16

REFERÊNCIAS

- Boggs, S. T. (1972). The meaning of questions and narratives to Hawaiian children. Em C. Cazden, V. John & D. Hymes (Orgs.). *Functions of language in the classroom*. Nova Iorque: Teachers College Press.
- Cole, M., Gay, J., Glick, J. & Sharp, D. W. (1971). *The cultural context of learning and thinking*. Nova Iorque: Basic Books.
- Chomsky, C. (1969). *The acquisition of syntax in children from 5 to 10*. Cambridge: MIT Press.
- Donaldson, M. (1978). *Children's minds*. Londres: Croom Helm.
- Goody, E. (1978). Towards a theory of questions. Em E. Goody (Org.). *Questions and politeness. Strategies in social interaction*. Londres: Cambridge University Press.
- Heath, S. B. (1978). *Teacher talk: language in the classroom*. Language in education: theory and practice 9. Washington, DC: Center for Applied Linguistics.
- Milgram, S. (1974). *Obedience to authority*. Nova Iorque: Harper and Row.
- Olson, D. (1977). From utterance to text: the bias of language in speech and writing. *Harvard Educational Review*, 47(3), 257-281.
- Orne, M. T. (1962). On the social psychology of the psychological experiment: with particular reference to demand characteristics and their implications. *American Psychologist*, 17, 776-783.
- Orne, M. T. (1969). Demand characteristics and the concept of quasi-controls. Em R. Rosenthal & R. Rosnow (Orgs.). *Artifact in behavioral research*. Nova Iorque: Academic Press.
- Scollon, R. & Scollon, S. B. (1981). *Narrative, literacy and face in interethnic communication*. Norwood, NJ: Ablex Publishing Corporation.
- Shegloff, E. A. & Sacks, H. (1973). Opening up closings. *Semiótica*, 8, 289-327.
- Spinillo, A. (1984). Perguntando e respondendo em situações naturais e experimentais. Recife, Brasil: UFPE, (trabalho não publicado).
- Tanz, C. (1983). Asking children to ask: an experimental investigation of the pragmatics of relayed questions. *Journal of Child Language*, 8, 139-149.
- Warden, D. (1981). Children's understanding of *ask* and *tell*. *Journal of Child Language*, 8, 139-149.

Artigo recebido em março de 1988.

